

JOVINA VARANDA LEITE

Filha de José Ramos Varanda e Tercina de Souza Varanda. Sendo seus avós paternos Sebastião Ramos Varanda e Ana Lizarda de Jesus. Nasceu em 02 de agosto de 1929 em Corumbá (GO), os pais eram da Bahia e se mudaram para Goiás. Anos depois foram morar em Trindade - GO. Senhor Sebastião, pai de Jove era Português. Porém, foi registrado como brasileiro, natural da Bahia. A mãe morreu de parto e o pai faleceu pouco tempo após a morte da mãe. Ele que já estava enfermo antes mesmo da mãe falecer.

Jovina ficou orfã aos 04 anos de idade. Disse ela, que a parteira que atendeu a mãe era interessada no pai. Todavia o pai era apaixonado por sua mãe, a amava muito e não correspondia aos desejos da parteira. Que no dia do parto de dona Tercina, mãe de Jove, fez arrancou a criança de tal forma que causou uma intensa hemorragia e levou Tercina à morte. Após a morte dos pais ela e os irmãos ficaram totalmente desamparados, visto que não tinham parentes na região, eram da Bahia. Começou então a surgir o boato de que seriam doados para outras famílias criarem, visto que eram menores e ficaram sem pai e sem mãe. Ao saber disso o irmão Nego Varanda que na ocasião tinha 10 anos procurou o juiz de direito da cidade e pediu a ele que não desse os irmãos para ninguém, que ele iria se unir aos outros irmãos e criariam todos. A irmã Aurelina (Tutu) ficou encarregada de cuidar de Jove. Então, quando Tutu se casou levou Jove para morar com ela. Enquanto estava com Tutu morou em Guiratinga, Tesouro e Santa Rita do Araguaia. A irmã Tutu não sabia ler nem escrever mas tinha uma sabedoria incrível. Lembra Jove que quando morria alguém Tutu dizia ela consolava a irmã dizendo que...

os momentos mais felizes disse ter passado em Santa Rita do Araguaia, época em que morava com irmã Aurelina; Tutu. Frequentava a escola, banhava nas águas do rio Araguaia e lá fez a 1ª comunhão. Um fato ficou marcante na memória da menina Jove, que disse ter ficado muito sentida porque ela se preparou para a primeira comunhão. Porém, no dia da cerimônia não pode participar porque não tinha o vestido. Dias depois a irmã conseguiu a roupa e as irmãs prepararam a cerimônia para Jove até bolo fizeram. O esposo da irmã tocava garimpo e mudava muito.

Jove disse que ela era boa menina e tinha o respeito e a confiança dos outros. Sempre que acontecia algo. Diziam que ouvisse Jove se ela dissesse que era verdade poderia ouvir pois ela não era de mentir.

Quando perguntou-se sobre as lembranças da casa de Trindade, ela disse que se lembra muito pouco. Recorda que o pai estava num quarto e a mãe em outro. Quando a mãe faleceu após o parto. O pai já estava enfermo., deitado numa cama do quarto ao lado. O quarto tinha uma janela que dava para a rua e esta apresentava um movimento constante de carros de boi e boiadas. E aquilo fazia uma poeira danada.

Disse Jove que o pai era português. Mas foi registrado como brasileiro e a mãe era bahiana de Feira de Santana.

A família da mãe dela não queria que ela se casasse com aquele que se tornou seu pai. Pos diziam que ele era preto e não o conheciam. A família da mãe era de posses.

A mãe de Jove teve 9 filhos: Erpídio, Tarcísio, Leodílio, (Nego Varanda), Joaquim, Carmesina (Dindinha), Aurelina (Tutu), Andrelina (Dazinha), Jovina (Jove), e Sebastiana. Os irmãos sempre foram muito unidos uns aos outros.

Considerando-se que o irmão Nego Varanda desde criança assumiu as responsabilidades pela criação dos irmãos. Jove na juventude foi morar com o irmão, que residia na cidade de Poxoréu, na rua Bahia. Nego era quem decidia e arrumava tudo.

Depois Tutu mudou-se para Poxoréu e Jove veio com ela. Na época Tutu morava na Ponte dos Santos, como Jove já estava ficando mocinha, Tutu achou melhor encaminhá-la para a cidade para morar com o irmão Nego Varanda e a cunhada Umbelina (mãe de Lena Guedes). Segundo Jove, a cunhada era uma pessoa muito boa e compreensiva com ela, por várias vezes interveio junto ao marido Nego Varanda em defesa de Jove. Tanto Umbelina como sua mãe Dona Joana ajudaram muito Jove. Nego morava na rua Bahia, próximo a casa do senhor Dió Mandioca. Dona Jove disse ter trauma por não ter a casa própria, um tempo estava na casa de um, outro tempo na casa de outro. Disse que tinha até trauma por não ter uma casa própria. Morou em várias casas, nenhuma era sua e por várias vezes ouviu discussões entre os irmãos e esposas por causa dela. Ao ouvir as discussões se sentia mais entristecida e tinha mais do que nunca vontade de ter sua casa. Certo dia ouviu o irmão Nego dizer para a esposa Umbelina que mulher a gente troca. Porém, Jove era sua irmã e não a deixaria jamais.



Jove e seu irmão Nego Varanda foram registrados em Poxoréu e por isso ocorreu um erro na data de registro dela que nasceu em 1929 e foi registrada como se tivesse nascido em 1930. O batizado de Jove aconteceu em Corumbá- GO.

Jove disse que namorou com Lourival, tio de Dalva Nascimento, irmão de dona Olindina. Porém, após uma viagem de Nego à Guiratinga, ele voltou de lá e disse à irmã que não queria que ele namorasse mais com o rapaz. Jove disse que no mesmo período da viagem de Nego à Guiratinga, Lourival também se encontrava por lá. Todavia, não ficou sabendo o que houve ou o que Nego viu por lá que ordenou o fim do namoro. O irmão ordenou e ela obedeceu. Quando ele falava não cabia questionamento. Tinha que cumprir, e ela cumpriu.

Numa certa ocasião seu irmão Nego Varanda arrumou-lhe um casamento com certo garimpeiro. Após desabafar-se com Dona Rita, a dona de uma pensão da rua Bahia, esta conversou com o garimpeiro que desistiu do propósito de levar adiante o desejo de Nego Varanda, visto que ficou sabendo da tristeza da moça e com certeza foi orientado por Dona Rita a não se casar com alguém que não queria de jeito nenhum se casar com ele.



Jove desejava ser professora. Porém, após terminar o ginásio , no Colégio Sete de Setembro. Na cerimônia de formatura teve por padrinho o Sr. Amarílio Bento de Brito . Todavia, depois de se casar o marido e os filhos dificultaram a continuidade dos estudos. Pouco tempo depois de se casar mudou para Várzea Alegre no Ceará. Disse que a família do esposo dela Sr. Jesunir a adorava porque viram que ela era uma mulher direita e trabalhadeira. Ela também disse que não tem o que se reclamar da família do esposo. Eram todos muito bons para ela.

Jove conheceu o futuro esposo **Jesunir Augusto Leite**, natural de Várzea Alegre-Ceará; um certo dia andava pela rua com a amiga Teonília , descendo da igreja para casa , quando de repente o avistou em frente à casa de Rachid Mamed, local que hoje está o Novo Hotel. Lembra que Jesunir estava de olho nela . Teonília mostrou-lhe e comentou com ela. Na época Jove tinha 17 anos. Nego ficou sabendo do interesse de Jesunir em namorar Jove e chamou -lhe a atenção dizendo que não aceitava porque ele era namorador de mulher casada. Nego então pôs Jove de castido era para ficar uma semana trancada dentro de casa. A sogra de Nego, dona Joana entrou em defesa de Jove. E num fim de tarde como de costume se sentavam na porta da casa e Jove estava lá descumprindo as ordens do irmão. Quando de repente vinha Jesunir . Dona Joana sogra de Nego varanda falou para Jove que ela não precisaria entrar para dentro de casa, que pudesse ficar que ela se entenderia com o genro. Logo em seguida nego chegou e encontrou Jesunir em casa , que havia vindo pedir autorização para namorar Jove. Nego foi direto e disse que autorizaria desde que em trinta dias eles se casassem. Jesunir que também não era de se intimidar com pressões e ameaças, logo respondeu que trinta dias seriam pouco para ele ajeitar as coisas para o casamento. Precisaria de noventa dias. E assim foi dentro do prazo estipulado, realizou-se o casamento. No mesmo dia Nego varanda realizou o casamento das duas irmãs mais novas Jovina e Sebastiana. A cerimônia do casamento aconteceu em 29/11/1947, na casa de Nego. No mesmo dia ;o casamento aconteceu na casa do irmão Nego. Na primeira sala realizou o casamento religioso e na segunda sala o casamento civil. Jove teve

como um dos seus padrinhos o senhor Joaquim Nunes Rocha.



Após o casamento, Jove e Jesunir foram morar na rua Bahia em Poxoréu, próximo à Tercina sua prima. Local onde morou por uns cinco meses, vindo depois a mudar-se para Várzea Alegre no Ceará, por onde residiu durante 09(nove) anos e lá teve os três primeiros filhos. Enquanto morava no Ceará Jove disse ter passado por muitas dificuldades. Os filhos pequenos, morando distante da família e ela volta e meia ficava sabendo dos namoros do esposo. Fato que a deixava muito magoada. O maior consolo que tinha, era poder contar com o apoio dos familiares do esposo. Pois, segundo Jove todos gostavam demais dela. Eram muito bons para ela. O sogro ficava revoltado com o filho e chegava ao ponto de aconselhar Jove a vir embora para Mato Grosso porque o filho não teria jeito, não iria mudar. Jove que já tinha visto o irmão buscar uma irmã para casa devido aos maus tratos. Não queria ela ser mais uma irmã de Nego a voltar para casa e ficar sem marido, com filhos nas costas para criar sem pai. Com certeza ela teria o apoio do irmão. Porém, sabia das dificuldades que enfrentaria na sociedade da época, sendo mulher sem marido e com filhos para criar. Se hoje as coisas são difíceis naquela época ela disse que o fato chegava a ser motivo de imensa vergonha. As mulheres não eram respeitadas. Jove então dizia ao sogro que não iria se separar do marido e não voltaria para Poxoréu. Decidiu trabalhar e criar os filhos, mesmo que o marido saísse de casa. O que ele nunca fez. Disse Jove que era uma desonra muito grande ter uma mulher largada na família. A mulher enfrentaria uma situação de discriminação e desrespeito, principalmente por parte das outras mulheres. Que não confiavam na mulher sem marido e viam como uma imprestável.

Jove morou no Ceará no período de 1949 até o ano de 1959, quando retornou para Poxoréu. Em Poxoréu, morou de 1959 até o ano de 1974, ano em que se mudou para São Paulo. Em São Paulo, morou de 1974 até o ano de 2015, quando para satisfazer os desejos do marido Jesunir, retornaram para Poxoréu. Ele dizia não estar se sentindo muito bem, não tinha a segurança de antes, sempre gostou de andar pelas ruas e aqui se sentia mais seguro,

mais à vontade. Dizia que quando fosse morrer, queria que fosse em Poxoréu.



Jovina e Jesunir tiveram quatro filhos: Jeane; José Augusto ; Geraldo Jonathas(faleceu com 8 meses de idade) e Carlos Augusto. Somente Carlos Augusto, o filho mais novo nasceu em Poxoréu, os demais nasceram em Várzea Alegre, no Ceará. Com o passar dos anos a família foi crescendo, com o casamento dos filhos chegaram os netos. Jove tem seis netos. Filhos de Carlos Augusto: Gustavo e Alessandra; Filhos de Jeane: Jojean, João Antônio Júnior e Juaylla;



filho de José Augusto: Kauê.

Quando Jove morava em São Paulo enfrentou tempos difíceis até que o esposo Jesunir fosse trabalhar na SABESP. Considerando-se que ela nunca foi de ficar se lamentando, conversando certo dia com a sobrinha Dalva , chegaram a conclusão que seria um bom negócio tirar fotos e vender álbuns. Ouviu as orientações de Dalva, comprou uma máquina e lá foram elas pelas ruas da grande São Paulo; batendo palmas de porta em porta e se oferecendo para tirar fotos dos familiares que visitavam. Tiravam fotos, faziam álbuns e vendiam. Ganhou um bom dinheiro com isso, até que começaram aparecer muitos fotógrafos pelos bairros e o serviço foi diminuindo, não dava mais a renda que precisava. Jove mais uma vez buscou outra alternativa de negócio, através do qual pudesse ganhar dinheiro honestamente e sustentar sua família. Passou então, a comprar roupas na região do Brás e começou a vendê-las em Cuiabá, Poxoréu e outras cidades de Mato Grosso. Quando o esposo entrou na SABESP, ela parou com as viagens de vendas e se dedicou aos cuidados de casa e dos filhos, uma vez que o ganho do marido era suficiente para as despesas familiares.

No ano de 1965 a senhora Jovina enfrentou momentos de medo e insegurança, quando se viu doente e com três filhos ainda pequenos. Porém, os irmãos que tinham feito o juramento de cuidar uns dos outros, mesmo depois da irmã estar casada, teve total apoio dos irmãos , que se uniram e providenciaram dinheiro suficiente para que ela fosse buscar tratamento em bons hospitais do estado de Minas Gerais. Jove com todos os filhos foram para Uberlândia, ficaram por três meses lá, na casa do irmão Tarcísio .Lá Jovina buscou tratamento e foi submetida à cinco cirurgias . Após três meses em tratamento no estado de Minas Gerais, ela retornou para Poxoréu e na viagem de volta passou um tremendo susto na viagem , quando estava vindo

de Rondonópolis para Poxoréu, a Perua, veículo em que estava toda sua família, tombou. Graças a Deus não houve nada grave com nenhum deles.

O esposo era vendedor de bilhetes da loteria esportiva, o ganho era muito pouco. Assim sendo, ela desde que se casou trabalhava para ajudar no o sustento de casa. Por isso, Jove sempre teve alguém para lhe ajudar nos deveres domésticos. Após o café da manhã se sentava à máquina de costura e parava às 10 horas para preparar o almoço. As refeições sempre foram servidas na mesa e a família se sentavam toda reunida para se alimentar. Costume que ela sempre fez questão de preservar. Após o almoço Jesunir e Jovina se deitavam para repousar e os filhos também eram obrigados a fazer o mesmo. A filha Jeane disse que ficava tremendamente chateada em ter que se deitar após o almoço e ficar no quarto até às 15(quinze-três da tarde), hoje isso virou hábito. Mas naquela época era muito ruim. Eles queriam brincar, queria ir para a rua. Depois das três da tarde, a filha Jeane se recorda que ia fazer as tarefas escolares, molhar a rua, porque logo a baleia(ônibus da época) iria passar e a poeira era imensa, depois teria que recolher lavagem nas casas de vizinhos para levar para os porcos. A Mãe engordava porcos na beira do Córrego Bóro, nos fundos da rua Maranhão.

Certo dia Nego ficou sabendo que o esposo de Carmesina, sua irmã estava maltratando-a. Não pensou duas vezes, foi em Goiás e chegando lá perguntou ao cunhado João se ele queria vir para Mato Grosso. Ele disse que não. Nego então, ordenou à irmã que arrumasse as coisas e trouxe para Guiratinga Carmé e seus filhos. Percebendo Nego que Guiratinga não seria adequado para criar as sobrinhas, ele trouxe as meninas para Poxoréu. Muitos anos mais tarde o esposo apareceu em Poxoréu e procurou a casa da filha Tercina que já estava casada. Ocasão em que o genro(Manoel) esposo de Tercina não aceitou que ele ficasse na casa. A opção que teve foi Carmé aceitar João em casa. Nessa época, Carmé já morava em Dom Aquino. Cuidou então de João até à morte.

Recordações da Poxoréu de outrora:

Falando da Poxoréu de outrora Jove se recorda que a maioria das festas eram realizadas no Diamante Clube. Ali aconteciam as festas de formatura, reuniões políticas, apuração de votos após as eleições,...Disse que eram festas tão bonitas que não poderíamos deixar o Diamante Clube se acabar. Fez um apelo e expressou tristeza ao dizer que devemos fazer alguma coisa para manter o local funcionando.

Quanto ao lazer da época, Jove disse que a diversão era participar das missas, das festas no Diamante Clube, dos jogos de futebol no campo do largo São Bento. Disse que por várias vezes ela acolheu na casa dela jogadores que vinham participar de torneios pelo time do esposo Jesunir. Chico Mamãe era do time adversário.

Uma loja bem conhecida pelos moradores da Poxoréu da década de 40 foi a Loja do Bobi, abaixo da Câmara Municipal. Bobi era esposo de Piedosa, irmã de Tereza Morbeck. O meio de transporte que predominava na época era o cavalo, o burro, o jegue, a mula. Disse que quem tivesse um bom animal arriado era comparado a ter um bom carro nos dias de hoje. Carros eram poucos. Sendo o jipe, o caminhão os mais utilizados. Se recorda quando o Jacinto apareceu com uma Perua e quem dirigia era Antônio. Carro chique e confortável para aquele

período.O primeiro a ter uma Picape Rural em Poxoréu, foi Lêonidas Matos,Dió Mandioca tinha um Toyota e Leôncio Pinga tinha um Jipão.

Considerando-se o movimento de garimpeiros na cidade nos finais de semana e durante o grande movimento de lavradores, fazendeiros e sitiantes que vinham à cidade comprar coisas ou resolver negócios, a cidade tinha várias pensões: Pensão de Dona Rita, Pensão de Dona Docha, Pensão de Diouro, Pensão de Dona Armir, Pensão de Dona Jove , Hotel Central de Deja, mãe de Ieda do Nabor. Todas se concentravam no trecho que compreendem as ruas Bahia, Minas Gerais, Goiás e Maranhão.

O pão era vendido nas ruas da cidade e aqueles que tinham contrato de freguesia recebiam diariamente em suas casas a visita do padeiro , que nem chamava e deixava o pão em local combinado com a família. Que levantava mais tarde e recolhia os pães para dentro.

Outro fato destacado por Jovina , era o respeito que havia entre as mulheres de família e as prostitutas. Moravam na mesma rua, da esquina da rua Mato Grosso pra o lado direito ficava a zona de baixo meretrício e do lado esquerdo as casas de pessoas da alta sociedade poxorense. Todavia, nunca se viu nenhum gesto de desrespeito por parte das mulheres . Nem de um lado, nem de outro. Conviviam muito bem. Jove e Lia de Basílio Catalá e outras costuravam para todas as mulheres que as procurassem. Jove disse que tinha apenas o cuidado de marcar horário para atendê-las, a fim de evitar o encontro entre mulheres de família e prostitutas em sua casa , no momento em que fossem lá buscar seus serviços. Isso poderia dar lugar a maus comentários. Por respeito as clientes evitava atender-las no mesmo horário. Disse que muitas vezes as prostitutas eram melhores clientes que as mulheres de família.

Recordou-se que os açougueiros Abdias, Elói e Domingos, açougueiros da época acostumavam dizer que as melhores carnes já estavam reservadas para Leôncio Pinga, Dr. João, Sr. Amarílio , etc.

Um personagem meio cômico lembrado por Jovina , foi o Sr. Pedro Preto, que residia na rua Paraíba, vizinho de Sr. Domingos, pai de Udinéia, tinha também Tercina, Dona Glória, Jerônimo (músico e marceneiro) e a pessoa de Pedro Preto, que morava abaixo do Cine Roma. Pedro tinha quatro filhos(Rosa, Rexbel, Nestor e Carlos). Pedro vendia lenha pelas ruas da cidade, era bem negro e gostava de ficar sentado à porta de sua casa. Quando estava próximo do horário de almoço ou do jantar, lá da porta ele dava um grito e perguntava a esposa dele se a comida estava pronta. Ao responder lá de dentro que sim, ele ordenava que trouxesse as panelas, pratos e garfos para a porta da casa e todos se sentavam na porta da rua para comer. Dizia que isso era para mostrar aos outros que por ali passassem que eles não estavam passando fome. Tudo que fosse comer, era na porta da casa . se recorda que certa vez Pedro Preto e seus filhos estavam chupando melancia, quando sua filha Jeane ainda criança chegou em casa dizendo que viu Pedro Preto com os filhos chupando melancia e também queria .

Recomeçar é Preciso...

Após a morte do filho José Augusto, que faleceu de câncer, os filhos resolveram que os pais Jesunir e Jovina deveriam passar um tempo em Cuiabá, outro em São Paulo e Também em

Poxoréu. Na verdade estavam preparando a mãe para o retorno para Poxoréu. Visto que o pai se mostrava um pouco cansado e tinha imenso desejo de voltar a morar em Poxoréu e a mãe não queria de forma nenhuma. Por ela, continuaria morando em São Paulo. E assim passaram a fazer. Eram seis meses em São Paulo e seis meses em Cuiabá. Em Mato Grosso os pais ficavam na época do frio e São Paulo no calor. Vinham para Poxoréu no final de ano. Quando foi em 2015, os filhos conversaram com os pais Jesunir e Jovina e resolveram que seria melhor mudar para Poxoréu. A filha Jeane disse que o pai Jesunir era apaixonado por Poxoréu. Que ele sentia uma felicidade indescritível quando estavam organizando para viajar para Poxoréu. Inclusive disse que caso morresse em outro lugar, desejaria que trouxesse seu corpo para Poxoréu.

Disse que em 2005 o esposo Jesunir teve um desmaio em Poxoréu e os familiares acharam que ele não estivesse muito bem. Levaram-no ao médico, que o examinou e disse que ele tinha uma hérnia. Porém, sugeriu que antes de operá-lo da tal hérnia que o levasse a um neurologista. Pois acreditava que após a cirurgia, com o efeito da anestesia poderia apresentar com certa frequência crises de esquecimentos.

Nos dias atuais Dona Jove leva uma vida tranquila em companhia da filha Jeane, do Genro João Antônio e dos netos Júnior e Juaylla, que moram numa casa que fica aos fundos de sua casa. Conta também com o carinho e a atenção do filho.. que mora em São Paulo e mesmo distante não deixa de visitar a mãe e telefonar-lhe para saber como está. Jove conta ainda com a visita vespertina diária dos sobrinhos Sávio e Lena Varanda que tem o prazer em sempre que possível fazerem companhia à Jove no final de tarde, uma vez que todos os dias após o almoço ela continua tirando um cochilo, após acordar toma seu banho e vai preparar o cafezinho da tarde, momento em que novamente a família se reúne. Outro hábito que ela tem é o de se sentar à calçada no final da tarde para ficar observando o movimento da rua, ver as pessoas que passam, bater papo com parentes e amigos. Como fazia enquanto era solteira, e morava na casa do irmão Nego Varanda, na rua Bahia.

Dona Jove disse que os filhos dela não deram trabalho, foram sempre muito obedientes e estudiosos. Disse dever ajoelhar-se para agradecer a Deus pelos filhos que teve. Disse que nunca recebeu a visita de um policial em sua casa para reclamar de um filho seu. Dizia ser muito enérgica com os filhos, que cabia a ela o corretivo dos mesmos quando precisasse.

Dona Jovina disse que sempre ensinou os filhos a falarem a verdade. Mesmo que fizessem algo errado teriam que assumir, falar a verdade quando ela perguntasse. Assim, poderiam até serem perdoados e receberiam as orientações para fazer o correto. Porém, se mentisse em aí a situação se complicaria.

A menina que tanto queria ter sua casa, cresceu, trabalhou e tem hoje o prazer de dizer que como suor de seu próprio trabalho (a venda de roupas) comprou sozinha uma casa em Cuiabá. Hoje a família conta com uma casa em São Paulo adquirida com recursos de Jesunir e dos filhos e uma casa em Poxoréu, que Jesunir comprou com o dinheiro da aposentadoria. Aposentou-se pela SABESP, funcionário público do estado de São Paulo.

Jove pela manhã, após sua higiene pessoal, toma o café da manhã e todos os dias acompanha o terço de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Tornou-se devota da santa quando estava no Ceará nos seus primeiros anos de casada. Disse que já alcançou inúmeras graças através da

santa e atualmente tem um novo propósito que tem a certeza que irá alcançar e alcançando tem um compromisso religioso de ir à Trindade.

Tem o hábito de todo dia primeiro de cada mês ela acende uma vela e inicia uma novena à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, pedindo proteção para todos de sua família.

Jove acredita que todo homem precisa ter uma religião. Escolha a que quiser, a que tiver fé. A fé é que vale. Uma pessoa sem fé não tem força, não é ninguém.

Orienta os filho e netos e a todos os que quiserem ouvi-la que se deve andar direito, ser honesto e verdadeiro, sem mentiras. Não andar com gente ruim e sem vergonha. Se andar em companhia de quem não presta você ficará pior do que ele.

Disse que orientou sua filha antes de se casar dizendo a ela que a mulher deve andar direitinho, procurar não contrariar o marido. A única coisa que a mulher não pode aceitar, é peia. O mais suporte. Procure fazer de tudo para viver bem com o marido.

Aos filhos ela disse ter dito a eles que a mulher nunca é perfeita. Porém, se ela for ruim, não bata, não mate. Leve a até o cartório se separe dela e devolva à família.

Para Dona Jove a cidade de Poxoréu foi um lugar muito bom para todos eles. Aqui a família se estabilizou. Casaram, tiveram, criaram os filhos e fizeram inúmeros amigos.